



## DEFACEMENT: UMA ANÁLISE DA OBRA DE BASQUIAT COMO FORMA DE (RE)EXISTÊNCIA

### DEFACEMENT: AN ANALYSIS OF BASQUIAT'S WORK AS A FORM OF (RE)EXISTENCE.

Nícolas Barck Santos Martins<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Annelise Nani da Fonseca<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

#### RESUMO

O seguinte artigo busca, por meio da crítica de arte à obra de Basquiat, traçar um paralelo entre o seu fazer artístico e o pensamento de outros teóricos que buscam entender como se dá a dominação capitalista-colonial, como o psiquiatra e filósofo Frantz Fanon. Um dos objetivos é desmascarar os mecanismos dos quais a colonialidade se beneficia para subjugar outros povos, e a partir disso, propor a construção de uma alternativa a esses processos. É destacado o papel que o arte/educador tem não só para a construção de um imaginário estético, como também para relacioná-lo à realidade contemporânea, expandindo assim, por meio da crítica, o debate acerca desses temas.

**Palavras-Chave:** Defacement. Crítica. Basquiat. Decolonialidade. Arte.

#### ABSTRACT

Through art criticism of Basquiat's work, the following article seeks to draw a parallel between his artistic work and the thinking of other theorists who seek to understand how capitalist-colonial domination takes place, such as the psychiatrist and philosopher Frantz Fanon. One of the aims is to unmask the mechanisms that coloniality uses to subjugate other peoples, and from this to propose the construction of an alternative to these processes. The role of the art educator is highlighted, not only in the construction of an aesthetic imaginary, but also in relating it to contemporary reality, thus expanding the debate on these issues through criticism.

**Keywords:** Defacement. Criticism. Basquiat. Decoloniality. Art.

---

<sup>1</sup> Graduando em Licenciatura em Artes Visuais na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7760689020606139>

<sup>2</sup> Artista Visual e Professora Adjunta da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) no Departamento de Artes e Design (IAD). Doutora em Artes Visuais pela Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3680077368397791> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3999-4730>



## INTRODUÇÃO

Ler criticamente o mundo é um ato político-pedagógico; é inseparável do pedagógico-político, ou seja, da ação política que envolve a organização de grupos e de classes populares para intervir na reinvenção da sociedade. (FREIRE, 2004, apud WALSH, 2009, p.12).

O mundo colonizado é um mundo dividido em dois [...]. Nas sociedades de tipo capitalista, [...], as formas estéticas do respeito à ordem estabelecida criam em redor do explorado uma atmosfera de submissão e de inibição [...] Nas regiões coloniais, ao contrário, o polícia e o soldado, pelas suas intervenções diretas e frequentes, mantêm o contacto com o colonizado e aconselham-no, com golpes de coroa ou incendiando as suas palhotas, que não faça qualquer movimento. O intermediário do poder utiliza uma linguagem de pura violência. O intermediário não mitiga a opressão, nem encobre mais o domínio. Expõe e manifesta esses sinais com a boa consciência das forças da ordem. O intermediário leva a violência à casa e ao cérebro do colonizado. (FANON, 2022, p. 34).

Em todas as sociedades a arte teve um papel não só transformador, tendo em vista seu caráter único de elevar o indivíduo ao sentimento de *aesthesis*, refletido ao longo desse artigo, mas também reflete a cosmovisão e ideologia de onde surge, podendo ser usada como um instrumento emancipatório ou reacionário. O seguinte artigo busca, por meio da mediação crítica entre o objeto artístico e o público, realçar o papel político que a arte possui e, do indivíduo, ao se reconhecer como um ser histórico, capaz de transformar a realidade a sua volta. Na perspectiva decolonial, o papel da crítica, consiste em ir além da análise formal da obra de arte, ressaltando seu caráter político, histórico e sociológico. O objeto artístico é também uma forma de se entender o mundo. Portanto, o papel da crítica de arte nessa forma de pensar, é também um meio de se ler o objeto artístico o relacionando com a atualidade, propondo novas reflexões e modos de leitura desse.

Sendo assim, a leitura de imagem assim como a crítica feita pelo arte-educador, é um convite ao seu posicionamento, reconhecendo seu lugar de fala ao mediar a obra e abrir o debate para outras contribuições e leituras. Por fim, o texto a seguir busca iniciar um debate, mas não colocar um ponto final nele, busca acima de tudo expandi-lo e fomentar novas visões, ao mesmo tempo que contribuí conceitualmente para a construção dessas.



## PARALELOS ENTRE A OBRA DE FRANTZ FANON E JEAN MICHEL BASQUIAT.

Como apontado pelo psiquiatra e filósofo político Frantz Fanon (1925-1961) em seu livro “Os condenados da terra”, o sistema colonialista se estabelece a partir da violência do colono sobre o colonizado. Violência esta que está presente não apenas no controle e abuso dos corpos, mas também em sua subjetividade, naquilo que está internalizado no indivíduo e na sociedade em que pertence. Na ótica colonialista, tudo aquilo que caracteriza o que é ser humano está vinculado à cultura estadunidense-europeia, que foi e continua sendo imposta sobre os outros povos, enquanto a forma de viver desses é tida como primitiva e subversiva.

Jean-Michel Basquiat (1960-1988) de certa forma, é um ponto de ruptura com os estigmas ocidentais. Por meio da arte de rua e, daquele presente nas grandes galerias, do grafite, da colagem, do desenho e da pintura, o artista se usava tanto das simbologias ocidentais como daquelas originárias do continente africano, como pode ser visto em “Leonardo da Vinci's Greatest Hits” (1982). Dessa forma, ele referenciava sua vivência como homem preto nos Estados Unidos assim como sua ancestralidade.

Ainda assim, a organização das sociedades não ocidentais, assim como sua produção material-cultural é considerada, mesmo na atualidade, um elemento corrosivo, deformador, capaz de desfigurar tudo que refere à estética ou a moral dominante. Dentro dessa lógica, o colonizado é visto como um não ser, um semi-homem, uma representação de uma quintessência do mal<sup>3</sup>, e é a partir dessa desumanização do outro que o imperialismo impõe sua justificativa ética para o epistemicídio<sup>4</sup>, genocídio e escravidão. O colonialismo é, portanto, a linguagem da

---

<sup>3</sup> (FANON, 2022, p. 38)

<sup>4</sup> (Para maiores informações, consultar “Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser”).



pura violência<sup>5</sup>, violência denunciada pelo filósofo e pelo artista, em suas respectivas obras.

## ADORNO, HORKHEIMER E WALTER BENJAMIN SOBRE A NECESSIDADE DE UMA ARTE REVOLUCIONÁRIA.

Os valores do colono, são absorvidos e enraizados também no colonizado. O campo artístico, ético, moral e estético é então parte fundamental para a manutenção desse sistema. A violência se dá também no âmbito cultural. A cultura de massas, como nos mostra os autores Adorno e Horkheimer, no livro “Dialética do Esclarecimento” (1985), realiza esse papel de subjetivar nos sujeitos dominados a ideologia dominante, ao mesmo tempo que os aliena quase que completamente da realidade em que vivem, escondendo embaixo do tapete a brutalidade da sociedade que sabemos ser fruto do colonialismo. O problema é que ao fazer isso, se formam pequenas erupções, que com o passar do tempo, vão se acumulando e aumentando cada vez mais, até o momento em que é impossível ignorar sua presença. A crueldade do sistema é então desmascarada.

Basquiat, em uma das suas obras mais conhecidas, “Irony of Negro Policeman” (1981), figura a hipocrisia que um policial negro adota ao se juntar a uma instituição que historicamente foi criada com o objetivo de marginalizar e assassinar a população negra. Em “Jim Crow” (1986) e “Maid from Olympia” (1982), o artista retrata o racismo institucionalizado e legalizado tanto na sociedade norte americana e em seu sistema judicial, como nas instituições de arte, que por muito tempo estabeleceram e reproduziram um cânone centrado no homem-branco-hétero-cis-europeu.

É possível entender o trabalho artístico de Basquiat como um conjunto de erupções que, dialeticamente, dentro do universo próprio de cada obra e, em sua totalidade, formam uma estética crítica da cultura dominante. Estética essa que está

---

<sup>5</sup> (FANON, 2022, p. 34)



também alinhada com aquilo que Walter Benjamin aponta em seu texto “A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica”, ao alegar que o fascismo se configura a partir da estetização não só da política, mas também de toda a vida cotidiana do indivíduo e, dessa forma, manipulando os sentimentos provocados pela estesia, o aliena da sua própria realidade por meio da arte, arquitetura, moda e a publicidade. A partir da manipulação desse sentimento, o ideário fascista passa a fazer parte do próprio indivíduo. Ainda nas palavras do sociólogo, a isso o comunismo responde com a politização da arte<sup>6</sup>.

É inegável o papel que a arte teve em diferentes sociedades na criação de ideais, valores e comportamentos, e, o papel que desempenha também nos dias atuais, ao reforçar o ideário dominante ou propor uma alternativa à indústria cultural. Basquiat, mesmo não se alinhando diretamente com a ideologia marxista, enfrentava por meio de sua arte todo o sistema capitalista-colonial.

#### VIDA E OBRA DE JEAN MICHEL BASQUIAT E A MORTE DE MICHAEL STEWART.

Jean-Michel Basquiat nasceu em 22 de dezembro de 1960, um ano antes da morte de Frantz Fanon. Posteriormente, as palavras de Fanon ganharam eco nas produções artísticas de Basquiat. O artista era alinhado com o discurso moderno do século XX que, já na década de 1980 havia se consolidado como uma alternativa à estética clássica e, também, representava uma nova forma de pensar e ver o mundo. Um aspecto marcante de sua obra é o uso de cores vibrantes e contrastantes, sendo elas majoritariamente o vermelho, azul e amarelo, que junto à traços simples e expressivos, que lembram rabiscos ou desenhos infantis, constituem uma “estética basquiatiana”. Uma interpretação possível para suas decisões estilísticas é que, assim como outros modernos, como os fauvistas ou os expressionistas, o artista estaria questionando por meio de suas obras, a visão clássica (e europeia) de arte, na qual o

---

<sup>6</sup> (BENJAMIN. 2022, p. 212)



uso de cores é ligado a sociedades primitivas e irracionais, e a ausência delas à sofisticação. No livro *Teoria das Cores*, Goethe afirma que:

Nações selvagens, povos primitivos e crianças sentem grande atração por cores vivas, os animais se enfurecem com certas cores, e homens sofisticados evitam cores vivas nas roupas e no ambiente que os cerca, procurando em geral delas se afastar.” (cf. KRIEZIS, 2021).

Basquiat começou sua produção artística em sua juventude, no final da década de setenta, por meio do pseudônimo “SAMO ©”<sup>7</sup> no qual o artista grafitava pelas ruas de Nova York. Em 5 de novembro de 1983, cinco anos após a anunciada morte de seu pseudônimo, a sociedade estadunidense, assim como todo o mundo, testemunharia uma das maiores e mais conhecidas demonstrações de crueldade policial. Michael Stewart foi espancado pelos ditos “agentes da ordem” por estar grafitando na plataforma de metrô do Brooklyn. O artista permaneceu em coma durante treze dias e veio a óbito em 28 de setembro de 1983. Stewart participava também do mesmo círculo artístico de Basquiat, e sua morte teve grande impacto na vida e produção de seus colegas. Kenny Scharf, artista e colega de ambos, chega a dizer que foi abordado uma semana antes do acontecido, no mesmo local, possivelmente pelos mesmos policiais, mas que não teve o mesmo destino de Stewart por ser branco<sup>8</sup>. Basquiat, que por outro lado, compartilhava muitas semelhanças físicas com Stewart, assim como sua inclinação para o grafite, não conseguiu não pensar que poderia ter sido ele o artista assassinado<sup>9</sup>. Esse argumento é reforçado pela frase que o artista costumava dizer quando indagado sobre o acontecido, sendo ela: *It could have been me* (Poderia ter sido eu)<sup>10</sup>. Esse acontecimento, o levou a produção da pintura “Defacement” ou “The Death of Michael Stewart”.

ANÁLISE DA OBRA “DEFACEMENT”, OU “THE DEATH OF MICHAEL STEWART”.

<sup>7</sup> (Abreviação para a frase “Same Old Shit”).

<sup>8</sup> (WILLIAMS COLLEGE, 2017)

<sup>9</sup> (WILLIAMS COLLEGE, 2017).

<sup>10</sup> (THE CANVAS, 2020)



Diferentemente do que é tradicionalmente feito, a obra não foi realizada sobre tela, e sim em drywall, na parede do estúdio de Keith Haring, amigo próximo de Basquiat que também executou uma pintura sobre a morte de Stewart, intitulada “Michael Stewart – USA for África” (1985). O fato de a produção ter sido feita em uma parede de um ateliê privado mostra a personalidade que a obra possui, sendo essa ao mesmo tempo que, uma crítica a um sistema que oprime toda uma parcela da população por seu tom de pele, também é algo íntimo do artista<sup>11</sup>. Outrossim se dá para a escolha do suporte da obra, que remete ao acontecido, no qual Stewart foi morto por grafitar pelas paredes do metrô<sup>12</sup>.

A obra é composta por três personagens, tendo em seu centro uma representação abstrata de Stewart. Oposto à pintura que viria a ser produzida por Haring dois anos depois, aqui a vítima não possui nenhuma característica física que permita sua identificação além da pele preta, sendo seu retrato apenas a silhueta do jovem que foi assassinado, e dessa forma, podendo ser também a silhueta de qualquer pessoa preta vítima da repressão policial. O personagem não é pintado com um tom escurecido, derivado de outra cor, como é tradicionalmente feito na pintura, mas sim com tinta preta, contrastante e direta, de um jeito que à atenção se volta completamente à figura ao centro<sup>13</sup>. Essa estratégia adotada por Basquiat suscita a projeção do espectador na figura violentada, assim como o fato dessa não ter o rosto pormenorizado.

Ao retratar a crueldade policial nos Estados Unidos, o artista também está representando àquela praticada em todo o mundo, sobretudo nos países colonizados. Sendo assim, outra universalização presente nessa pintura são as representações dos policiais, essencialmente do papel que esses desempenham de reprimir a parcela da população considerada criminosa pela classe dominante. É importante salientar a constância dessa temática na produção de Basquiat, como na já antes mencionada pintura “Irony of negro policeman”. As duas outras figuras que compõem a obra são guardas, que com a pele rosada, assim como a de porcos, distintivos e dentes afiados, desferem golpes de cassetete contra o corpo negro localizado ao centro. A arte-

<sup>11</sup> (THE CANVAS, 2020)

<sup>12</sup> (THE CANVAS, 2020)

<sup>13</sup> (WILLIAMS COLLEGE, 2017).



historiadora Chaedria LaBouvier<sup>14</sup> faz uma comparação entre essas representações com aquela presente no trabalho de Emory Douglas, artista e militante político que produziu na década de setenta, durante a infância de Basquiat, a ilustração “It’s all the same” na qual a polícia é igualmente representada por porcos. LaBouvier afirma que essa obra poderia ter sido vista em algum momento por Basquiat e, desta forma, compor um repertório imagético mesmo que inconsciente do artista.

Outro ponto a ser analisado é o título da pintura, escrito logo acima dos personagens. “Defacement” traduzido para o português significa “desfigurar”. A palavra tem sua origem na língua inglesa, sendo um termo utilizado para o ato de modificar ou danificar a superfície ou aparência de algum objeto<sup>15</sup>. A expressão foi utilizada pelo até então prefeito da cidade de Nova Iorque, Edward Irving Koch. Ao ser indagado sobre alguns grafites realizados nos metrô, o ex-prefeito declarou que a prática era:

Uma das maiores ofensas à qualidade de vida. Não se pode atacar uma dessas ofensas: é o jogo da vermelhinha, os carteiristas, os roubos das lojas e o Gafitti a **desfigurar** os nossos muros públicos e privados. Estão todos na mesma área, a destruir nosso estilo de vida e tornar difícil aproveitar a vida. E eu acho que isso tem que ser contra-atacado. E então eu disse-lhe que a resposta que acho - repetidamente, três vezes que a repito – devia ser cinco dias de prisão. (STYLE WARS, 1983).

Essa fala de Koch evidencia o argumento de Fanon, já antes citado, no qual o autor afirma que para a classe dominante branca, toda a produção cultural vinda da população negra e trabalhadora é uma ameaça às suas instituições e valores, e tem como objetivo destruir seu estilo de vida. Também é importante destacar que o programa anti-grafitti, assim como a violência com os grafiteiros, não teve seu início em sua gestão, sendo uma prática continuada do governo de seu antecessor, John V. Lindsay<sup>16</sup>. Apesar disso, Koch agravou essa perseguição, chegando a cercar as estações de metrô e colocar cachorros para que atacassem quem tentasse

<sup>14</sup> (WILLIAMS COLLEGE, 2017).

<sup>15</sup>(Dicionário COLLINS, disponível em:  
<https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/english/defacement>)

<sup>16</sup> (CANTANHEDE, 2012, p.13.)



ultrapassar<sup>17</sup>. É possível concluir que, ao batizar sua obra, Basquiat não o fez de forma desintencional, mas buscava chamar atenção a essas nuances e denunciar as políticas públicas que levaram a morte de seu colega.

O símbolo de copyright, usado para demarcar a propriedade intelectual e escrito junto ao título, remete tanto ao desejo de Basquiat de ter os direitos sobre sua produção, como também pode fazer alusão à violação da propriedade privada, motivo pelo qual Stewart foi assassinado<sup>18</sup>. O grafitti, assim como outras expressões artísticas, como o *hip-hop* e o *breakdance*, surge como uma forma de resistência e de contracultura vinda das populações afro-americanas, que por meio dessas manifestações se faziam vistas e ouvidas, mesmo que precisassem gritar.

Basquiat foi um dos maiores nomes no campo das artes no século XX e, ainda na atualidade, suas obras são um importante componente para se entender o mundo contemporâneo, assim como os acontecimentos de sua época. A arte de Basquiat é uma arte de denúncia, denúncia de um sistema que nas palavras de Fanon, representa a linguagem da pura violência. Basquiat retrata essa linguagem de forma também violenta, estética e sobretudo artística.

Conclusivamente, é necessário não somente entender e questionar os processos coloniais, não somente resistir a essa violência perpetuada por séculos por um povo contra outros povos, como também, combater essa violência, de forma ativa, de modo a propor e pôr em prática uma alternativa ao sistema colonial. Alternativa essa que só poderá ser construída a partir da mobilização e conscientização política das massas, que nas palavras de Freire citadas no início deste trabalho, é inseparável do papel educativo-pedagógico, e como demonstrado ao longo do texto, também se dá por meio da arte. Essa nova possibilidade terá que ser combativa tanto contra os agentes dominantes, como também a sua ideologia. É papel do artista e do educador engajado politicamente, se permitir sonhar com essa possibilidade, e, a partir de sua arte, trabalhar para que outros também possam sonhar.

---

<sup>17</sup> (STYLE WARS, 1983)

<sup>18</sup> (THE CANVAS, 2020).



## REFERENCIAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Local de publicação: Zahar, 1985. 224 páginas. Acesso em: 09/01/2024.

BENJAMIN, Walther. *Mágia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*. 8ª edição. Local de publicação: Brasiliense, 2012. 272 páginas. Acesso em: 09/01/2024.

CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2023. Acesso em 05/01/2024

DEFACEMENT. *In*: COLLINS, Collins Dictionary. Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/english/defacement>. Acesso em: 02/01/2024.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Local de publicação: Zahar, 2022. 374 páginas. Acesso em: 02/01/2024.

KRIEZIS, E. *Como mito de estátuas gregas brancas alimentou falsa ideia de superioridade europeia*. Local de publicação: BBC News Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-56723825>. Acesso em: 02/01/2024.

Style Wars. Tony Silver (Compositor) Henry Chalfant's (Compositor). Local de publicação: Public Art Films, 1983.

THE CANVAS. Basquiat's Defacement: Racist Police Brutality and Property Damage. YouTube, 9 de junho de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qJ-g-ci3YHk&t=44s>. Acesso em: 09/01/2024.

WALSH, Catherine. Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. *In*: CANDAU, Vera Maria (Org). *Educação Intercultural na América Latina: Entre Concepções, Tenões e Propostas*. Acesso em: 02/01/2024.

WILLIAMS COLLEGE. Basquiat's "Defacement": Trauma, Majesty & State Violence. YouTube, 20 de junho de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Plrlym2odOc>. Acesso em: 09/01/2024.